

CALUNGA - Em 1989, estava num torneio em Inhumas GO, junto com o amigo Zé Maria Neri observando na roda um curió, por nome **CALUNGA**, que ainda



detinha umas penas pardas, uma produção monstruosa. Disse-me ele: "veio da de Itaberaí GO, essa semana quase que um gavião o comeu, foram ao brejo e de repente o bichão deu uma flechada jogou a gaiola no chão, ele ficou duro igual uma vela e passou dois dias sem cantar, mas veja já está aí arrebrandando, é bom demais, pega ele" Vi logo que ali estava um bicho diferenciado,

porém, dei uma titubeada e ele foi adquirido por um companheiro de Goiânia.

Passado algum tempo, fiquei sabendo que o "pintãozinho" estava ganhando tudo. Logo em seguida, torneio em Brasília, ele chegou e ganhou o torneio. O amigo Celso Neves foi encima e pegou o bicho. Disse pra mim: "tô armado, ele é show e a fêmea é extraordinária". Estava armado mesmo, ficou com uma trinca de curió, com outros dois que detinha. Juntos praticamente imbatíveis, o Calunga, o Coiote e o Zumbi.

Durante algum tempo o incômodo foi grande para os concorrentes, na maioria dos torneios ganhava o **Calunga**, mas quando não o Zumbi e quando não o Coiote. Com o jóquei Paulo Roberto "Carica" a coisa ficava mais difícil ainda, tinha muita gozação por cima. Perdurou algum tempo, até que num torneio em São Gonçalo RJ, roubaram o Coiote na roda (*inexplicável*). Celso até deixou a fêmea no palco, dizendo "se roubaram o macho fiquem a fêmea também". Difícil de acreditar mas a pura verdade. Logo a fêmea do **Calunga** morreu e o Zumbi no hotel em Cuiabá, os morcegos quebraram a asa dele. O **Calunga** com outra fêmea até afirmou, mas logo depois ela também foi a óbito. O Zumbi, ficou muito abalado e passou a oscilar muito nos resultados. Quer dizer fase boa da escuderia do Neves deu água.

Quando vi **Calunga** em Barra do Garças MT embaixo de uma mesa, calado e duro no poleiro, já previa algum desenlace. Embora sempre incentivando: "Mano, não desista esse bicho é show, você vai acertar ele de novo". E assim foi, levava num torneio ele cantava pouco e ainda ficava "lendo jornal" segundo o Neves. Queria dizer, voando na roda de um lado para ou outro sem cantar. Realmente amargurante.

Paciência com deslize de seus pássaros é conhecidamente pequena, e a filosofia do *Mano* em disputas é radical: "*ser segundo lugar é mesmo que ser último*".

Então, logo no começo da temporada de 90, fizemos a troca do *Confere* pelo **Calunga**, sem fêmea, desacertado. Veio para a Lagopas, assim um tanto desacreditado. Mas não demorou muito para conseguir acasalá-lo. Disponha de uma fêmea solteira espetacular, mansinha, não botava, pronta em qualquer lugar e acostumada a viajar. Tinha um segredo só dela, quando se colocava perto do macho, num carinho de doido, chiava para ele como se estivesse no ninho, fazia isso normal sem estar choca, joia raríssima. Tinha consciência também que se ela faltasse, o macho estaria perdido. Como arrumar outra com essa característica, jamais? Então, chegando em casa, coloquei os dois do lado, na divisória. Saí por mais ou menos duas horas, quando voltei escutei de longe um canto forte e uma rasgada agressiva, estava feito o casal. Tive a certeza, acertei o bicho!!!. Senti, "*agora quem está armado sou eu, amarrem as calças*".

O canto do **Calunga** era assim, um estilo "Sorocabão" com um assobio limpo til-til-tuá-tuá (*quatro notas*) uma rasgada curta outro assobio e outra rasgada mais longa e um gavião com muita agressividade. Esse era o modo dele cantar em quase todas as vezes. Tanto na roda ou quando estava irritado. Quer dizer quase sempre quatro cantos, às vezes seis e numa rapidez incrível, com retomada de 2/3 segundos entre um e outro. Por isso, quando disparava em torneios era muito volume.

Descobri o jeito de mexer com ele, uma inteiração total. Levar em brejo, nem pensar, tinha verdadeiro pavor por causa do gavião ainda lá de Goiás, ali ficava pasmado com o olho arregalado. Interessante, viajava mudo, sem dar um pio no carro, podia ser longa ou perto, nada de canto. A fêmea o travava, não deixava ele cantar, salutar para manter a energia e o descarrego no momento certo no torneio.

O procedimento era o seguinte: longe da fêmea a semana inteira. Na hora de viajar trazia ela de longe e a colocava do lado durante cinco minutos. Em seguida, juntava na capa motel os dois se vendo num buraco de meio palmo de círculo. A viagem inteira desse jeito. Chegando no hotel, dava um jeito de colocá-

lo no banheiro da suíte, longe da fêmea até as cinco horas da tarde. Daí, ficava durante trinta minutos para depois encapar até o momento de colocar na roda.

Logo no primeiro torneio que fomos, ganhou. Dali para a frente, só alegria. Na roda, não se espantava com nada. Quanto mais anarquia melhor para ele. Gritaria, pedra no telhado, bateção de porta, foguetes, gavião, pardais e pombas voando o deixavam louco, cantava mais ainda. Chacoalhar a estaca, passar o dedo na grade, colocar a mão na frente da gaiola, passar por baixo e tudo mais, alguns até tentaram desestabilizá-lo, ao contrário era motivo até de incentivo, rssss. Se o vizinho quisesse brigar ou desafiá-lo, ia para o saco. Danava a cantar com mais força e a rasgar agressivamente dando gavião no meio com força. Muitas passagens interessantes que vou tentar resgatar as mais importantes.

Vinha de muitos sucessos no Centro Oeste, já estava famoso, quando em torneio em Ribeirão Preto, aqui tinha o Fúria, o terror dos curiós no Estado de São Paulo. Os companheiros curiozeiros paulistas quiseram o conhecer. Aí, por pura picardia, os levei na casa de minha mãe, onde ele na cara da fêmea estava duro, sem cantar parecendo que estava afinado. Fiquei meio que rindo por dentro quando o pessoal exclamou: *"este que é o Calunga?? Este é que vai enfrentar o Fúria?"* Na realidade era até risível a situação, com uma certa razão.

Bem, no outro dia, torneio da AABB de Ribeirão, um mundão de curió, Calunga disparado o tempo todo. Armação houve, na hora que seria da marcação dele tentaram, pularam. Uma chuva danada, trovão, quanto mais chovia mais cantava. Deixaram para a próxima, quem sabe um "espanto" um "ajeito" e ele parar de cantar. Não teve jeito, tascou quase 50 cantos a mais que o Fúria, para espanto e admiração de todos presentes.

Aí, aconteceu o insólito, fomos para Cuiabá MT de ônibus, viagem até filmada, muita gente junta, foi uma loucura. Nossa ideia era ir lá, dar um show e ganhar o torneio. Deu zebra, nos deram de presente um "móio" de "navalha de macaco", tudo aquilo colocado no sábado à disposição do campeão que no outro dia, no torneio entrou cantando e logo depois ficou "grosso" no poleiro e estancou, travou. Foi uma gozação danada na viagem de volta: *"e aí, e o Calunga, cadê ele, que lugar tirou?"* Contrariado, rindo de araque, ironicamente respondia: *"é ele virou vaca, vou*

arrancar o rabo e soltar, rsss". Na realidade, pensava: "eu é que sou uma besta, onde já se viu tamanha inocência". Valeu pela lição.

No outro ano, torneio em Presidente Prudente SP, quase 1.000 kms de Brasília, um calorão danado, muita gente de todo o Mato Grosso e de São Paulo, lá estava o saudoso Tico de Dourados e Primo Novelli e com os curiós da região que estavam estourando, e ganhando tudo. Pardais voando, ele disparado, Cometa foi o seu maior adversário, foi também batido. O pessoal ficou assombrado com o desempenho do **Calunga**: "isso é uma coisa de doido", demais" era a fala geral.

No final deste ano em Araçatuba SP, o torneio de encerramento valia para o Brasil Central, do qual ele foi o campeão com sobras. Muitos curiós do Rio, Mato Grosso, São Paulo, um torneio fortíssimo. Outra vez, disparado, foi marcado na última bateria junto com o Sósia (excelente curió do Valefuego), sem dizer de outros, marcado com muito rigor deu 30 cantos para o segundo colocado, quase trezentos cantos. Outro show. Não tinha como superar o campeão.

E assim foi, sempre em alto nível, até que em 92, mudamos para Ribeirão Preto, veio junto a escuderia de curió da Lagopas: **Calunga**, Cometa, Colorado, Cururu, dentre outros. Casa nova, mas a fêmea junto tudo certo. Todo cuidado e o carinho de sempre. Logo mudou de penas, se adaptando em novo clima e local. Alguns torneios, quase sempre ganhando por aqui mas a maioria lá depois da barranca do Rio Grande, estava mais enturmado pelo lado de Minas, Goiás e DF.

Então, neste ano haveria o torneio de encerramento do campeonato brasileiro em Rezende RJ. Seria uma festa danada, como foi. Organizado pelo Sr. Zé de Rezende, nosso amigão. A disposição de todos Hotel Fazenda em Quatis RJ, no topo da Serra da Mantiqueira. Um local maravilhoso, onde ficamos desde sexta. Fomos junto com Claudinho, amigo e excelente chofer. Além dos bicudos, a trinca da Lagopas, **Calunga**, Cometa e Cururu. Estavam embalados e eu só com uma ideia na cabeça. "Quero tirar a prova, de uma vez se nossos curiós podem ficar entre os primeiros em qualquer lugar do Brasil". Sabia e tinha consciência que estava armado até os dentes!!!

No sábado, começou a chegar gente de todos os lados, de Brasília, de São Paulo, do Rio, de Minas, Mato Grosso, Goiás e Santa Catarina. Pensei: "tá danado, tá todo mundo aí, vai ser complicado". Sentado na varanda do hotel, observava aquela

muvuca, era um cabra com um curió da mão: "esse é tal". Outro, "esse é o campeão". Outro, "esse paguei tantos mil, Esse ganhou o torneio não sei onde". E era cada bitolão, pra lá e pra cá. Pensei: "Se for assim mesmo, tô ferrado pra não dizer um palavrão". Ainda por cima, entrei lá no apartamento e vi que meus pupilos estavam desesperados de escutar tanta cantoria diferente. Uma verdadeira balbúrdia com gente passando com curiós desencapados pelo corredor do hotel afora.

Como fugir daquela verdadeira "baderna"? Aí, vi uns pés de jabuticaba lá longe, peguei meus *meninos*, encapei, até antes do tempo certo, fui para lá e os pendurei nos galhos com ajuda de ganchos. Um em cada árvore, ficou uma verdadeira marmota, uma capa amarela, a outra verde e a outra azul. Todo mundo naquela gozação: "O que é aquilo?". "Quem é o doido que pôs aquilo lá?" Eu quietinho, não abri a boca, mas de olho e bem vivo. Fiquei ali igual jacaré, sem me arredar nem um momento. Escureceu, trouxe-os para dentro. Foi uma farra danada a noite inteira, bebedeira gente passando mal e eu de antena ligada. Ainda bem que tinha um salão longe dos quartos. A minha preocupação era só com o torneio e o provável bom desempenho da Lagopas.

Estava tranquilo porque já tinha avisado o Sr. Zé, "se não me deres estaca na roda de fora, não colocarei meus curiós no torneio." Nesse tempo era um suplício ir de fora para um torneio longe, se não fosse por pura amizade com os organizadores, tinha que colocar seu pássaro na última roda de dentro. Estava escaldado, já tinha acontecido comigo algumas vezes, ficava morto de raiva mas o que fazer era assim que se fazia em quase todos os lugares. Onde houvesse muitos participantes pior ainda. E quem vinha de fora de fora, então era "chumbo do grosso". Ainda bem hoje com sorteio das estacas estamos livres disso.

No domingo, bem cedinho eu e o amigo Claudinho fomos para Rezende, num local lindo porque dali se avistava o Rio Paraíba do Sul. Cheguei meio que correndo, como sempre às quinze para as oito. Quando olhei para a roda de curiós tinha três uma dentro da outro. Aquela zoadeira de curiós e bicudos cantando, uma coisa de doido. Parece que eram 254 participantes, minhas estacas estavam lá na roda de fora. Com toda a minha vivência, nunca tinha visto uma disputa daquele naipe e tamanho.

Mas o pior, estavam ali todos os ótimos curiós do Brasil, dos que me lembro: Bambolê, Ligeirinho, Leônidas, Trovoada, Realengo, Zumbi, Santa Fé, Catari e tudo que era de bom do Rio, em especial. Fiquei até um tanto desanimado de ver tantas feras. "É a coisa tá preta". O Chefe de Roda veio e me colocou um "crachá" de "fiscal", "ajuda nós, é preciso". Fui, sentei lá no palco e fiquei meio amuado, quieto. Quando, de repente, vem o saudoso Gurdurama de Cruzeiro SP, e me diz: amigo: "tive olhando a roda e hoje ninguém ganha dos teus curiós, são os melhores da roda, podes ter a certeza". Dei um salto, liguei na tomada. Dei uma volta na roda e observei os bichos, os três matando. O **Calunga** disparado, o Cometa voando e cantando para todo o lado e o Cururu cantando no gogó, gradeando e cantando ao mesmo tempo. Não tive mais dúvida "é hoje". Sacudi o corpo e vou entrei na dança, assumi a função de fiscal e comecei a dar pitaco aqui e ali.

Passei a ajudar no que podia. Veio a classificatória, dos meus o primeiro a ser marcado foi o Cururu, uma grande decepção, aquele monte de gente em cima e apesar de todos os meus protestos o marcador um cabra meio branco, não marcava direito, deve ter perdido uns 30 cantos dele, uma lástima, mesmo assim deu 125 cantos em dez minutos. Estava detonando para mais de 150 cantos, mas não teve jeito, o ferro já tinha entrado. Até certo ponto foi bom porque fiquei esperto. Quando da marcação do **Calunga** fiquei em cima, atravessei no meio do bolo de gente e fiquei do lado do marcador. Foi diferente, porque era muito evidente o canto dele, não tinha como travar. Isso muito o ajudou nas respectivas classificações de uma forma geral. Deu quase duzentos nos dez. Do mesmo jeito o Cometa, embora tenham perdido cantos, foi mais de 160.

Ficaram 40 curiós para a final, por dois cantos o Cururu não passou. Fiquei chateado porque tinha a certeza que ele iria arrebentar na final. Mas estavam os dois mais fortes e disparados. A expectativa era grande, nesses momentos alguns amigos de Goiás e Brasília também se solidarizaram para pressionar no sentido de que o processo de marcação fosse isento. **Calunga** na marcação disparou mais ainda, uma plateia enorme, no começo o marcador quis dar um segurada, a reclamação foi geral. Aí, não tinha como travar, muito ajudou a jeito do canto dele, separação bem definida do assobio e da rasgada longa, de quatro em quatro e as vezes seis. Encheu a cartela, mas não dava pra ver direito o fechamento, gente de todo lado impedia.

Veio a marcação do Cometa, disparado. Também, em face da presença de muita gente observando, não teve como travar embora estava evidente a má vontade, deu para ver na cartela que fechou 267 cantos, o que já seria muito canto. Aí, a marcação do Leônidas, um vexame, em menos de um minuto veio o visto. Fizemos uma barulhão danado e trocaram o marcador. Pensei amargurado: "perdi o torneio, o ferro já entrou". Sendo ele um curió espetacular com uma ajuda grande como essa, ficava claro o sucesso. Seguiu a marcação com Leônidas cantando como um louco, show à parte. Na cartela 280 cantos uma marca excelente. É pensei: "suponho que não deu". Foram minutos de muita aflição e angústia.

Olhava para um lado, para outro e muitos companheiros me saudando pela apresentação dos curiós, estava até certo ponto muito feliz. Encapando fui dizendo para eles "filhinhos vocês foram fantásticos, fizeram muito bem a sua parte, fiquem quietinhos agora com as suas feminhas, parem de cantar e descensem, já fizeram demais, Cururu você foi injustiçado não deixaram você se apresentar direito". Juntei os três num canto e o coração batendo pela a boca. De repente, o Clair que estava no centro da roda, com as cartelas mão, vira para mim e levanta o dedo indicador. Fiquei meio tonto, não sabia se ria ou se chorava.

Veio a confirmação **Calunga** ganhou o torneio com 286 cantos, Cometa em terceiro com 267, a Lagopas arrebentou. Apontei minhas mãos para os céus agradecendo. Havia uma fixação dentro de mim em ganhar um torneio fortíssimo daquele tipo e no Estado do Rio. Missão cumprida, tudo que queria de mim mesmo como curiozeiro de fibra estava contemplado. Saí do recinto com a alma lavada. Chamei uma porção de amigos para almoçar 0800 numa churrascaria, poucos foram, ainda bem, rsss. Lá tomei meio copo de caipirinha numa só golada, mas não foi um só gole, fiquei em êxtase, em transe total, rsss.

A etiqueta do troféu está bem guardadinha. O problema é que essa premiação me fez sentir um copo cheio. Como um jogador que ganhou a copa, perdi por um tempo o entusiasmo, com a sensação de que havia conseguido chegar onde podia. Já tinha sido campeão brasileiro e agora vencer esse duro embate com todos os tops do Brasil. O que poderia querer mais. Passei algum tempo nesse marasmo. Ainda bem que passou!!!!

Veio a muda e a derrocada, a fêmea do **Calunga** morreu. O barco afundou, tentei de tudo. Passei 27 fêmeas nele, de todos os tipos e nada. Não aceitou, não quis acasalar. Fui ficando cada vez mais estressado com a questão. O amigo João Vitorino, na minha cabeça. "Passa ele, porque não tem mais jeito". Sempre tive como parâmetro de vida a filosofia do sábio que resumidamente diz: "quer acabar com a preocupação com a sua cabrita campeã suma com ela de perto de você, vende ou dá de presente, aí você esquece e recupera a tranquilidade". Então, veio a fatídica decisão: "vou passar ele não guento mais".

Assim fiz, transferi para Aloisio Carolo. Fiquei aliviado por alguns dias, apenas por alguns dias. Não demorou muito, percebi a imensa "bobagem" que havia feito. Era tarde, foi um grande erro meu, já era, se arrependimento matasse? Na mão do Xará teve um ou outro torneio de sucesso, até que o parceiro Gurdurama o pegou e levou para Cruzeiro SP. Tentei reavê-lo de todo forma, disse ele: "não, não e não, esquece não te passarei, nunca vi em toda a minha vida curió com esta produção de canto, vou criar com ele". Mesmo não sendo mais "aquele" não teve jeito. Senti que jamais o teria de novo. Tive que aceitar e me conformar e ver, de vez em quando, pequenas filmagens que fiz dele e que estão no youtube nos links abaixo.

Passado pouco tempo a notícia: o campeoníssimo **CALUNGA** foi a óbito de repente. Lamentos, tristeza pura e a convicção de que, entrando acertado, foi praticamente imbatível em todos os torneios que participou. Foi embora de vez a alegria de ter a presença dele na escuderia, restou uns filmes que sempre passam na minha cabeça, a lembrança e a saudade de ótimos momentos de minha vida junto com um bichinho bem pequeno, mas como disse Zemaria, "bom demais".

<https://www.youtube.com/watch?v=uqkoHhfYBVk>

<https://www.youtube.com/watch?v=8mkhjX4L1pQ>

Aloísio Pacini Tostes

Bonfim Paulista - Ribeirão Preto SP

Multiplicar para Conservar

www.lagopas.com.br